

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E COMPORTAMENTO DE RISCO DE PACIENTES COM SOROLOGIA POSITIVA PARA O HIV EM SÃO LUÍS – MARANHÃO

Rafael Mondego Fontenele¹, Josilene de Sousa Bastos², Maria de Jesus da Silva Vilar Campos², Geovane Costa Rodrigues², Nathaly Sousa dos Santos³, Anna Maria Pereira Sousa Lopes³, Ana Valéria dos Santos Aranha⁴

¹ Mestre em Gestão de Programas e Serviços de Saúde (Universidade Ceuma), Professor Assistente do Curso de Graduação em Enfermagem da Faculdade Edufor, São Luís-MA. E-mail: fhaelmondego@gmail.com

² Graduados em Enfermagem pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF), Paço do Lumiar-MA.

³ Graduandas em Enfermagem pela Faculdade Edufor (EDUFOR), São Luís-MA.

⁴ Especialista em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Recebido em: 15/05/2023 – Aprovado em: 15/06/2023 – Publicado em: 30/06/2023
DOI: 10.18677/EnciBio_2023B21

RESUMO

Este estudo teve como objetivo descrever o perfil epidemiológico e o comportamento de risco em pacientes com sorologia positiva para o HIV em São Luís – MA. Tratou-se de uma pesquisa descritiva, retrospectiva, com abordagem quantitativa dos dados. A amostra foi constituída de 237 prontuários de pacientes com diagnóstico positivo para o HIV a partir dos dados fornecidos pelo Serviço de Atendimento Especializado e Centros de Testagem e Acolhimento (CTA's) do município de São Luís – Maranhão. Houve maior percentual de homens pardos, solteiros, com idade entre 18 e 48 anos, provenientes da zona urbana. Quanto ao comportamento de risco para a infecção, prevaleceu a ausência do preservativo ou seu uso ocasional, além da prática sexual com múltiplos parceiros e a associação com a utilização de álcool seguido de outras drogas. Concluiu-se que mesmo diante das estratégias das campanhas de promoção da saúde e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, ainda é crescente os números de pessoas acometidas pelo vírus HIV.

PALAVRAS-CHAVE: Comportamentos de Risco à Saúde; Perfil de Saúde; Soroprevalência de HIV.

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE AND RISK BEHAVIOR OF PATIENTS WITH POSITIVE SEROLOGY FOR HIV IN SÃO LUÍS – MARANHÃO

ABSTRACT

This study aimed to describe the epidemiological profile and risk behavior in patients with positive serology for HIV in São Luís - MA. It was a descriptive, retrospective research, with a quantitative approach to the data. The sample consisted of 237 medical records of patients with a positive diagnosis for HIV based on data provided by the Specialized Care Service and Testing and Welcoming Centers (CTA's) in the city of São Luís - Maranhão. There was a higher percentage of brown, single men,

aged between 18 and 48 years old, from the urban area. As for risk behavior for infection, the absence of condoms or their occasional use prevailed, in addition to sexual practice with multiple partners and the association with the use of alcohol followed by other drugs. It was concluded that even in the face of the strategies of health promotion campaigns and prevention of sexually transmitted infections, the numbers of people affected by the HIV virus are still increasing.

KEYWORDS: Health Risk Behaviors; Health Profile; HIV Seroprevalence.

INTRODUÇÃO

Identificado entre os seres humanos há mais de 40 anos, o Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) teve suas primeiras ocorrências na África Central, nos Estados Unidos da América e no Haiti, em meados dos anos de 1977 e 1978. Dois anos após a descoberta da doença no mundo, em 1980, surgiram os primeiros registros da infecção no Brasil (PIAUIENSE, 2018).

A infecção causada pelo HIV ataca o sistema imunológico, sendo capaz de alterar o DNA e se reproduzir de maneira acelerada. Este fenômeno produz o enfraquecimento das células de defesa do organismo e à medida que a infecção evolui, pode ocasionar a Síndrome da Imunodeficiência Humana (AIDS), caracterizada pelo surgimento das doenças oportunistas, sendo esta considerada um grave problema de saúde pública (WHO, 2022).

No mundo, segundo o *United Nations Programme on HIV/AIDS* (UNAIDS) as estatísticas apontaram que 690 mil pessoas morreram de doenças relacionadas à AIDS em 2020 (UNAIDS, 2021). No Brasil, segundo o Boletim Epidemiológico, de 2007 até junho de 2022, foram notificados 434.803 casos de infecção pelo HIV, sendo 183.901 (42,3%) na região Sudeste, 89.988 (20,7%) na região Nordeste, 84.242 (19,4%) na região Sul, 42.957 (9,9%) na região Norte e 33.715 (7,7%) na região Centro-Oeste. Em 2021 foram registrados 11.238 óbitos tendo como causa básica a AIDS, resultante da infecção pelo HIV e associados ao abandono do tratamento (BRASIL, 2022).

O tratamento da infecção é feito através da terapia antirretroviral, cujos objetivos são reduzir a morbimortalidade e prevenir a transmissão do HIV para outras pessoas, resultando na supressão da carga viral do vírus, sendo assim, para o sucesso do tratamento é fundamental a adesão do mesmo, pois nos tratamentos bem-sucedidos o vírus torna-se indetectável no organismo (BROJAN *et al.*, 2020).

A política de atenção integral da população que convive com o HIV/AIDS no Brasil trouxe melhorias significativas e vem garantindo o aumento da expectativa de vida destes pacientes. Entretanto, a interpretação equivocada de que sujeitos com carga viral indetectável no sangue não transmitem o vírus corrobora para a contramão das estratégias de prevenção e promoção da saúde, uma vez que o paciente indetectável passa a praticar o sexo desprotegido, exigindo desta forma, a constante abordagem educativa (BRITO JÚNIOR *et al.*, 2021).

Para a saúde coletiva, as ações educativas estão entre as melhores estratégias para a disseminação de informações e redução do impacto da infecção entre os jovens e estas ações vêm se mostrando eficazes quando realizadas nos ambientes escolares, já que se configura como um local apropriado para a troca de saberes e experiências (MONTEIRO *et al.*, 2019).

No que diz respeito aos problemas de saúde pública, os testes rápidos para rastreamento da população com HIV e as ações de prevenção e aconselhamento se fazem extremamente importante, desta forma, a presente pesquisa teve como

objetivo descrever o perfil epidemiológico e o comportamento de risco de pacientes com sorologia positiva para o HIV no município de São Luís - Maranhão.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo, do tipo transversal, realizado através da obtenção de dados secundários fornecidos pelo Serviço de Atendimento Especializado em três Centros de Testagem e Acolhimento (CTA's) do município de São Luís – Maranhão, cujos pacientes foram atendidos no período de janeiro a dezembro de 2019, no qual foram analisados os aspectos sociodemográficos, comportamento de risco e adesão ao tratamento dos portadores do vírus HIV.

Foi realizado um levantamento dos prontuários de pacientes atendidos nas três unidades dos CTA's, tendo sido incluídos na pesquisa todos os prontuários de pacientes maiores de 18 anos, de ambos os sexos, com sorologia positiva para o HIV no primeiro teste. Foram excluídos do estudo os prontuários insuficientemente preenchidos e aqueles que apresentaram rasuras que puderam contribuir para o confundimento da amostra. A população foi constituída por todos os prontuários com sorologia positiva para o HIV no período pré-determinado. A amostra final foi de 237 prontuários, considerando o nível de confiança de 95% e margem de erro de 5%, obtida a partir do cálculo amostral.

A coleta de dados foi precedida das seguintes etapas: a) Seleção dos prontuários a partir dos critérios de inclusão e exclusão; b) Preenchimento de formulário de coleta de dados. Para a coleta de dados foi utilizada a ficha de atendimento do CTA publicada no ano de 2019 e obtida a partir dos arquivos do Ministério da Saúde.

As variáveis coletadas a partir da ficha de atendimento foram situação conjugal, tipo de parceiro sexual, tipo de exposição, recorte populacional, uso de preservativos, tipo de exame, diagnóstico secundário, encaminhamento a serviço, orientação sexual, consumo de drogas e adesão à terapia antirretroviral.

A análise dos dados obtidos foi realizada através de dupla digitação em banco de dados no programa Microsoft Excel 2016, por meio da estatística descritiva apresentada em forma de gráfico e tabelas com dados de frequências absolutas e relativas.

O presente estudo foi submetido à Plataforma Brasil, e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa de nº 4.133.882 de 03 de julho de 2020.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados um total de 452 prontuários nos três CTA's, sendo denominadas de Unidade A, Unidade B e Unidade C para garantir o anonimato dos participantes incluídos no estudo. Na Unidade A foram analisados 145 prontuários, e descartados 67. Na Unidade B foi analisado um total de 124 prontuários e descartados 38. Na Unidade C foram analisados 183 prontuários e descartados 110. Os prontuários descartados, não foram utilizados, devido aos erros de preenchimento que gerariam vieses no procedimento de análise.

Perfil dos pacientes com sorologia positiva para HIV

Os dados que caracterizam o perfil dos pacientes com sorologia positiva para o vírus HIV referente ao período de janeiro de 2019 a dezembro de 2019 foram agrupados na Tabela 1 segundo sexo, faixa etária, raça/cor, estado civil,

escolaridade em anos de estudo, situação do domicílio e a situação habitacional em relação ao tipo de moradia.

TABELA 1. Perfil epidemiológico dos pacientes com sorologia positiva para o HIV. São Luís - Maranhão, 2019.

Categorias	Variáveis	n	%
Sexo	Masculino	159	67
	Feminino	78	33
		237	100
Faixa etária	18 a 29 anos	99	42
	30 a 49 anos	110	46
	50 a 69 anos	27	11
	Maior que 69 anos	1	1
		237	100
Raça/cor	Branca	36	15
	Preta	46	19
	Parda	130	56
	Amarela	3	1
	Ignorados	22	9
		237	100
Estado civil	Solteiro (a)	168	71
	Casado (a)	36	15
	Separado (a)	5	2
	União estável	23	10
	Viúvo (a)	2	1
	Ignorados	3	1
		237	100
Escolaridade em anos de estudo	Nenhuma	11	5
	Até 9 anos de estudo	52	22
	Até 12 anos de estudo	104	43
	Até 17 anos de estudo	61	26
	Ignorados	9	4
		237	100
Situação do domicílio	Zona urbana	226	95
	Zona rural	11	5
		237	100
Situação habitacional em relação à moradia	Reside com a família	188	80
	Reside sozinho	22	9
	Reside com amigo	10	4
	Ignorados	17	7
Total		237	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Pode-se observar na Tabela 1 que houve maior percentual do sexo masculino com 67% (n=159). Dado semelhante foi destacado no estudo de Knauth *et al.* (2020) realizado em três serviços especializados no tratamento de HIV/aids de Porto Alegre, onde foram analisados 312 prontuários e com relação ao sexo, também houve um

predomínio de homens. Segundo boletim epidemiológico de 2019, ainda há mais casos de HIV/AIDS entre homens do que entre as mulheres (BRASIL, 2019).

Foi observado, neste estudo, que a faixa etária mais acometida pelo HIV/AIDS está no intervalo de 30 a 49 anos com 46% (n=110). Com relação a essa variável o estudo de Anjo *et al.* (2022), realizado no Serviço Especial de Saúde de Araraquara (SESA) Araraquara-SP no período de 2017 a 2018, evidenciou a infecção entre pessoas de 20 a 30 anos. Este fato pode estar associado com a atividade sexual geralmente mais frequente entre pessoas desta faixa etária.

Em relação à raça, nota-se o predomínio da cor parda com 56% (n=130). O estudo de Santos *et al.* (2019) realizado no Centro de Testagem e Aconselhamento e Serviço de Atendimento Especializado CTA/SAE, no município de São Mateus-ES analisou 207 prontuários entre os anos de 2012 a 2016, com prevalência para a cor/raça parda (47,9%). Estes dados corroboram com os desafios apresentados pelo Ministério da Saúde para alcance da população de maior vulnerabilidade para o HIV, sendo constituída pela maioria pessoas negras e pardas, além da população transexual.

De acordo com o estado civil 71% dos usuários são solteiros (n=168). Resultado similar foi encontrado no estudo de Pompeu *et al.* (2021), cujo estudo foi realizado no Estado do Pará, com 332 prontuários, destes 40,06% eram solteiros. A falta de compromisso e parceiro fixo pode predispor às relações com múltiplos parceiros, aumentando a incidência das infecções pelo vírus HIV e outras infecções sexualmente transmissíveis.

Sobre a escolaridade, houve maior percentual de pessoas com até 12 anos de estudo (n=104). Divergindo do estudo de Pereira *et al.* (2022) cuja amostra foi de 1.991 homens e 1.184 mulheres, tendo sido observado que do total de pacientes, 59,46% alcançaram o ensino fundamental, 27,37% possuíam ensino médio e 11,40% o ensino superior, concluindo que quanto menor o tempo de estudo, maior é a incidência da infecção. Observou-se que a maioria dos pacientes é esclarecida, mas apesar de relevante o grau de conhecimento em relação a tempo de estudo, as práticas sexuais de risco destacam a incidência da infecção neste grupo. Assim, a realização de novas pesquisas com estes grupos isolados mostra-se fundamental para o rastreio dos fatores e implementação de estratégias para redução do risco.

Neste estudo constatou-se a predominância de pessoas com HIV/AIDS vivendo na zona urbana, com 95% (n=226), assemelhando-se aos achados de Santos *et al.* (2019) realizado no SAE de Petrolina-PE, no período entre 2010 a 2014, cuja análise de 331 prontuários, constatou que 89,4% desses usuários viviam na zona urbana, enquanto 10,6% viviam na zona rural.

Comportamento de risco para o HIV e adesão ao tratamento

Optou-se por elaborar a Tabela 2 com variáveis que, com base na perspectiva do autocuidado, podem representar comportamento de risco para contato, exposição e risco de infecção pelo vírus HIV como o número de parceiros sexuais, característica que destaca o tipo de exposição ao vírus, consciência sobre o uso de preservativos antes e após o diagnóstico positivo para a infecção e o consumo de álcool e outras drogas lícitas e ilícitas, bem como a orientação sexual e tipo de parceiros sexuais.

TABELA 2. Características de provável comportamento de risco. São Luís - Maranhão, 2019.

Categorias	Variáveis	n	%
Número de parceiros sexuais até a data do teste	1	50	21
	2 a 5	63	28
	6 a 10	24	10
	11 a 20	8	3
	Maior que 20	8	3
	Ignorados	84	35
		237	100
Tipo de exposição ao vírus	Relação sexual desprotegida	210	89
	Rompimento do preservativo	4	2
	Seringas ou agulhas	3	1
	Não souberam relatar	11	5
	Ignorados	9	3
		237	100
Prática do uso de preservativos antes da Infecção pelo HIV	Sempre	6	3
	Não usou	55	23
	Ocasional	155	65
	Ignorados	21	9
		237	100
Prática do uso de preservativos após a Infecção pelo HIV	Sempre	45	19
	Não usou	22	9
	Ocasional	70	30
	Ignorados	100	42
		237	100
Consumo de álcool associado à relação sexual	Sim	143	60
	Não	94	40
		237	100
Consumo de outras drogas associado à relação sexual	Lícitas	25	11
	Ilícitas	30	13
	Não faz uso	182	76
		237	100
Orientação sexual	Heterossexual	124	52
	Bissexual	23	10
	Homossexual	90	38
		237	100
Tipo de parceiro sexual	Só homens	159	67
	Só mulheres	52	22
	Homens e mulheres	26	11
Total		237	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Com relação ao número de parceiros sexuais no último ano, 35% (n=84) foram informações ignoradas. O segundo valor mais hegemônico teve um percentual de 28% (n=63) de 2 a 5 parceiros sexuais no último ano. Oliveira *et al.* (2020) evidenciaram em estudo realizado por meio de tecnologia da informação no Norte, Nordeste, Sul, Sudeste, e Centro-Oeste do país cuja amostra foi constituída por 248 participantes, que a faixa etária mais prevalente estava entre 18 a 25 anos dos quais 57,3% eram adeptos da prática sexual com múltiplos parceiros. Entretanto, tal dado de forma isolada não é o suficiente para determinar a vulnerabilidade desses usuários, devendo-se levar em consideração a história sexual ao longo da vida, além de evidenciar a importância da construção de políticas públicas voltadas à prevenção de agravos à saúde sexual.

Quanto ao tipo de exposição ao vírus, a relação sexual desprotegida teve um total de 89% (n=210). Corroborando com os achados de Spindola *et al.* (2021), em pesquisa realizada com universitários no Rio de Janeiro-RJ, quando os estudantes relataram que geralmente a prática sexual é desprotegida. Este fato pode estar associado aos tabus que permeiam a utilização dos preservativos como diminuição da sensibilidade devido a utilização do preservativo, perda do prazer, dentre outros que pressionam para a prática sexual desprotegida e expõem a população ao risco.

Na variável uso de preservativo antes da infecção pelo HIV 65% (n=155) desses usuários fazia ocasionalmente o uso do preservativo. A pesquisa de Carvalho (2018), realizada em uma Unidade de Referência Especializada em Doenças Infecciosas e Parasitárias Especiais (URE-DIPE), no estado do Pará, entre os períodos de janeiro a abril de 2012 em 153 prontuários, aponta que 76,16% desses usuários não usavam preservativo antes da infecção pelo HIV/AIDS, em divergência com o presente estudo, pois o mesmo aponta 65% desses usuários usar ocasionalmente o preservativo durante as relações sexuais.

Mesmo sendo encontrados 42% (n=100) de ignorados em relação ao uso do preservativo após o diagnóstico, ainda chama a atenção o percentual de 30% (n=70), de usuários, já sabendo da sua condição sorológica, usam ocasionalmente o preservativo. Na mesma proporção no estudo de Reis *et al.* (2016) realizado em Ribeiro Preto-SP sobre o uso inconsciente do preservativo entre pessoas com HIV destacou que 28,7% dos com 143 participantes não fazem o uso consciente da prevenção. Apesar de a literatura não aprofundar nesta discussão sobre o uso inconsciente do preservativo entre pessoas com HIV positivo, um estudo de Sousa *et al.* (2023) destacou o uso inconsciente entre 85% dos 1.438 homens que fazem sexo com homens e que possuem HIV negativo. Este comportamento está intimamente relacionado com as relações de afeto e confiança no parceiro que corroboram para o comportamento de risco.

No que se refere ao consumo de álcool o estudo ressalta que 60% (n=143) desses pacientes faz uso. Achado semelhante pode ser observado no estudo de Pereira *et al.* (2014) realizado no Centro de Testagem e aconselhamento-CTA, entre os anos de 2007 a 2011 em Feira de Santana-BA através da utilização dos dados de 3.768 pacientes, extraídos do sistema de informação do CTA (SI-CTA), encontrando cerca de 60% desses usuários fazendo uso de álcool. Quanto ao uso de outras drogas o presente estudo aponta que 76% (n=182) desses usuários não faz uso. Houve também um predomínio com 90,9% desses pacientes sem fazer o uso dessas substâncias no estudo de Nascimento *et al.* (2018) desenvolvido no CTA do Hospital Municipal de Maracanaú-CE entre julho de 2016 e junho 2017. Sabe-se que a utilização de álcool e outras drogas é um agente potencializador para atividades de risco, sobretudo aquelas relacionadas ao sexo e à violência.

Neste estudo a orientação sexual mais frequente correspondeu às relações heterossexuais com 52% (n=124) em ambos os sexos. Na pesquisa de Trindade *et al.* (2019) realizado em Montes Claros-MG também houve prevalência da heterossexualidade em 48,4% dos dados coletados. Na população estudada, observou-se que o tipo de parceiro sexual, predominante, foi com homens com 67% (n=159). Dados correlativos foram encontrados no estudo de Pires *et al.* (2020) com 138 prontuários de uma URE DIPE em Belém-PA entre 2016 a 2018, evidenciando o mesmo tipo de parceria sexual em 58% da amostra. Apesar das infecções sexualmente transmissíveis apontarem grupos de maior vulnerabilidade, a frequência da não utilização dos preservativos em relações heterossexuais também é um fator de risco para a infecção pelo vírus HIV.

Na Tabela 3 evidencia-se o seguimento terapêutico dos pacientes diagnosticados com HIV no município de São Luís – Maranhão, a partir dos dados de acompanhamento ambulatorial, uso regular da terapia antirretroviral, paciente encaminhado de outra unidade e diagnóstico diferenciado.

TABELA 3. Adesão ao tratamento e acompanhamento com serviço especializado e doenças secundárias. São Luís - Maranhão, 2019.

Categorias	Variáveis	n	%
Regularidade na consulta pós exposição ao HIV	Assíduo	152	64
	Não Assíduo	85	36
		237	100
Regularidade na terapia antirretroviral	Sim	152	64
	Não	85	36
		237	100
Paciente foi encaminhado de outro serviço de saúde	Sim	67	28
	Não	170	72
		237	100
Diagnóstico secundário Ao HIV	Sífilis	80	33
	Hepatite B	5	2
	Hepatite C	1	1
	Tuberculose	6	3
	Toxoplasmose	26	11
	Citomegalovírus	27	12
	Outros	15	6
	Ignorados	77	32
Total		237	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se na Tabela 3 que 64% (n=152) dos pacientes seguem a regularidade do tratamento ambulatorial, bem como no estudo de Rossi *et al.* (2020) que mostrou que 58,3% dos pacientes comparecem as consultas com regularidade em uma pesquisa realizada a partir dos dados de 5.229 dos usuários em tratamento. Cabe destacar que a regularidade do tratamento torna-se relevante pela redução da carga viral e indetecção do vírus, permitindo assim que o indivíduo possa dar continuidade às atividades diárias de vida com maior qualidade de vida.

No que concerne o uso da Terapia Antirretroviral o presente estudo identificou 64% (n=152) desses pacientes estão uso regular. Este achado segue de acordo com o estudo de Remor (2017), realizada em um Ambulatório de Infectologia do Hospital Regional São José Dr. Homero de Miranda Gomes (HRSJ) em São José-SC, no período correspondente de outubro de 2013 a abril de 2014. A amostra teve 54 pacientes entrevistados, destes 92,6% dos pacientes faz uso regular de TARV. Os autores ratificam que o tratamento antirretroviral é de fundamental importância, pois com o uso correto se diminui consideravelmente a carga viral.

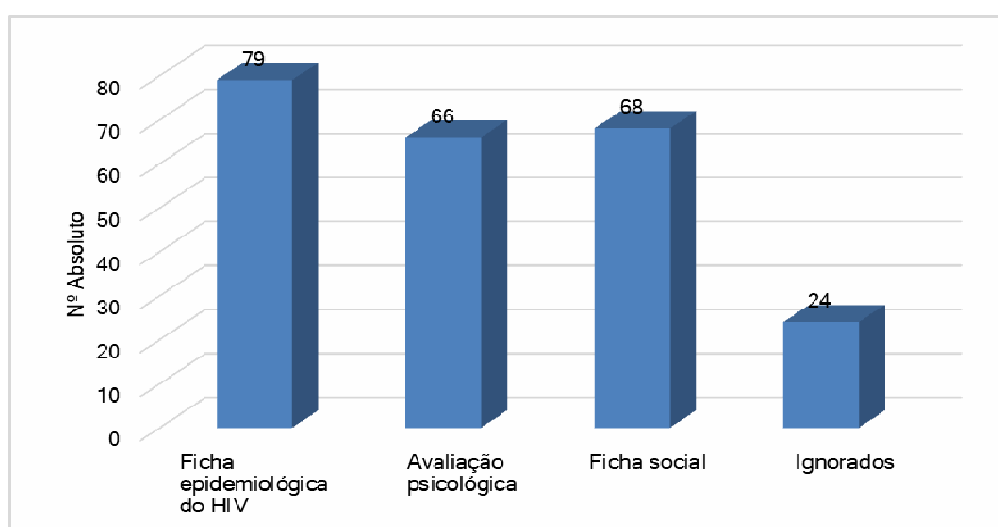
A maioria dos usuários procurou o serviço espontaneamente sendo um total de 72% (n=170), e somente 28% (n=67) desses usuários foram encaminhados de outras unidades. Em consonância com o presente estudo Silva (2016) após a verificação de 156 prontuários de mulheres na faixa etária entre 15 a 50 anos com diagnóstico positivo para o HIV nos anos de 2011 a 2012, essas informações foram extraídas do banco de dados do Sistema de Informação do CTA do município de Canoas-RS, os autores encontraram que 62,8% dessas pacientes procuraram o serviço de referência de forma espontânea. Com relação ao tipo de encaminhamento o presente estudo observou que em sua maioria os pacientes

eram encaminhados de outras unidades de saúde, ações sociais realizadas em bairros, bem como, de outros municípios.

No que tange ao diagnóstico secundário o mais prevalente foi o de sífilis com percentual de 33% (n=80), o que corrobora com pesquisa conduzida no Complexo de Doenças Crônicas Transmissível da Secretária de São José do Rio Preto- SP, a partir da análise de 161 fichas ambulatoriais registradas no momento das consultas (OLIVEIRA *et al.*, 2019). Sabe-se que a sífilis é a principal coinfeção oportunista em pessoas com HIV positivo. A sífilis pode aumentar a carga viral e diminuir o número de linfócitos TCD4+, desta forma resulta em maior morbimortalidade para pessoas que convivem com o HIV.

A presente pesquisa apresentou limitações por erros no preenchimento da ficha de coleta de dados, conforme apresentados no Gráfico 1.

GRÁFICO 1. Erros no preenchimento da ficha de atendimento do Centro de Testagem e Aconselhamento. São Luís - Maranhão, 2019.



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

No Gráfico 1 é possível perceber que o principal erro de preenchimento é a ficha epidemiológica do HIV com 33% (N=79), pois foi evidenciado que muitos dos profissionais deixavam campos em branco. Neste caso, os pesquisadores tiveram que procurar essas informações a partir da leitura completa dos prontuários e na ficha de notificação compulsória.

O estudo de Medeiros *et al.* (2022) realizado no SAE de Paulo Afonso-BA teve como principal objetivo relatar as divergências e dificuldades no preenchimento do formulário de acompanhamento de pacientes com HIV, os maiores índices de incompletitude foram observados nos anos de 2007 e 2019, chegando a 75,3% dos prontuários analisados.

A pesquisa evidenciou que os principais erros de preenchimento estão nos campos de encaminhamento pós-teste, uso de drogas, recorte populacional e legenda de resultados. A partir dos estudos, foi possível constatar as falhas, e as dificuldades nos preenchimentos dessas informações que são essenciais para a continuidade da assistência. Apesar de não ser um dos objetivos da presente pesquisa, percebeu-se a necessidade de apresentar as variáveis encontradas com erro durante o preenchimento da ficha de atendimento do paciente no Centro de

Testagem e Aconselhamento, no entanto, por não se apropriar dos fatores que corroboram com esta prática nos serviços pesquisados, torna-se imprescindível e urgente o rastreio das falhas para que se instituem medidas para correção de novos erros.

CONCLUSÃO

Com relação ao perfil epidemiológico, houve maior percentual de homens pardos, solteiros, com idade entre 18 e 48 anos, provenientes da zona urbana. Nesta pesquisa, os indivíduos com maior tempo de estudo foram mais infectados em relação aos que não possuem escolaridade.

Quanto ao comportamento de risco para a infecção, prevaleceu a ausência do preservativo ou seu uso ocasional, além da prática sexual com múltiplos parceiros e a associação com a utilização de álcool seguido de outras drogas.

Mesmo diante das estratégias do poder público, relacionadas às campanhas de promoção da saúde e prevenção das infecções sexualmente transmissíveis, ainda é crescente os números de pessoas acometidas pelo vírus HIV. O contágio ainda ocorre pela cultura do comportamento de risco traduzida pelo não uso do preservativo nas relações sexuais ou pela ocasionalidade no uso do mesmo, visto que a transmissão sexual é a maior forma contaminação do vírus.

Quanto às limitações do presente estudo, cabe mencionar que houve falhas no preenchimento das fichas epidemiológicas, pois apresentou um número considerável de informações ignoradas em algumas variáveis. A ausência dessas informações pode gerar a subnotificação dos casos, repercutindo no quadro real das necessidades dessa população e interferindo em ações a eles direcionadas, assim, é fundamental que haja comprometimento dos profissionais da saúde quanto ao correto preenchimento dessas fichas.

Diante disso, concluiu-se que há necessidade de uma padronização desse serviço em toda rede de saúde do município de São Luís- MA, para melhor atender as necessidades dessa clientela, e com isso disponibilizar ações de políticas públicas em benefício à assistência dessas pessoas que convivem com o HIV/AIDS.

REFERÊNCIAS

ANJO, L.A.L.; JORDÃO, A.; MOTTA, B.S.; FACCIO, J.S.O.; PASUALOTTO, I.R *et al.* Avaliação do perfil de portadores de HIV do município de Araraquara-SP. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, v. 25, n. 1, p. 1-13, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2022.v25i1.1039>. Acesso em 01 mai. 2023.

BROJAN L.E; MARCA L.M.; DIAS F.A.; RATTMANN Y.D.; Uso de antirretrovirais por pessoas vivendo com HIV/AIDS e sua conformidade com o Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas. **Einstein** (São Paulo), v. 18, n. (eAO4995), 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.31744/einstein_journal/2020AO4995. Acesso em 01 mai. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico HIV/Aids 2022** [internet]. Brasília 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/centrais-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2022/hiv-aids>. Acesso em 29 abr. 2023.

BRITO JÚNIOR, M.S.; COELHO, K.S.C; MERHY, E.E.; Carga viral indetectável do vírus da imunodeficiência humana no sangue e a correlação com o sêmen: um estudo de revisão sistemática proporcionando o conhecimento dos profissionais no Sistema Único de Saúde. **Saúde em Redes**, v. 7, n.2, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2021v7n2p253-263>. Acesso em 01 mai. 2023.

CARVALHO, A.C.; AMARAL, D.S.; CHAVES, E.C.; PAMPLONA, M.C.C.A.; Perfil epidemiológico de casos de HIV-1 atendidos em um serviço de atenção secundária em Belém-PA no período de janeiro a abril de 2012. **Pará Research Medical Journal**, v. 1, n. 2, p. 0-0, 2018. Disponível em: <https://prmjournal.org/journal/prmj/article/doi/10.4322/prmj.2017.018>. Acesso 13 nov. 2020.

KNAUTH, D.R.; HENTGES, B.; MACEDO, J.L.; PILECCO, F.B.; TEIXEIRA, L.B *et al.* O diagnóstico do HIV/aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 6, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00170118>. Acesso em 01 mai. 2023.

MEDEIROS, D.A.; PALÁCIO, M.A.V.; NOGUEIRA, I.L.M.; MAGNABOSCO, G.T.; TAKENAMI, I. Avaliação da completitude de formulários de admissão de pessoas vivendo com HIV em um Centro de Testagem e Aconselhamento do interior da **Revista de Medicina (São Paulo)**, v. 101, n. 1, p. 1-9, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1679-9836.v101i1e-188112>. Acesso em 01 mai. 2023.

MONTEIRO, R.S.M.; FEIJÃO, A.R.; BARRETO, C.O.S.; NECO, K.K.S.; AQUINO, A.R.G. Ações educativas sobre prevenção de HIV/AIDS entre adolescentes em escolas. **Enfermería Actual de Costa Rica**, San José, n. 37, p. 206-222, Dec. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15517/revenf.v0ino.37.36749>. Acesso em: 30 de abr. 2023.

NASCIMENTO, E.B.; MENESES, P.K.S.; CAVALCANTE, M.G.; VASCONCELOS, L.F.; RIBEIRO, J.F *et al.* Perfil epidemiológico dos pacientes soropositivos para HIV no centro de testagem e aconselhamento em um Hospital municipal de Maracanaú. **Revista Expressão Católica Saúde**, v. 3, n. 2, p. 57-63, 2018. Disponível em: <http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/recsaude/article/view/2497>. Acesso em 17 de nov. de 2020.

WERNECK, A.L.; OLIVEIRA, T.; PONCE, M.AZ.; OLIVEIRA, S.A.C.; Perfil epidemiológico e características de coinfeções associadas às pessoas soropositivas. **Revista de Enfermagem da UFPE on line**, p. [1-11], 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1049691> Acesso 20 nov. 2020.

OLIVEIRA, M. V.B; OLIVEIRA, F.B.M; SILVA, W.C; MALLETT, J.R.S; FERREIRA, N.S *et al.* Fatores preditivos ao medo de infecção HIV/AIDS entre homens por meio de aplicativos de relacionamento. **Revista Enfermagem Atual In Derm**, v. 92, n. 30, p. 97-108, 2020. Disponível em: <https://revistaenfermagematual.com.br/index.php/revista/article/download/631/642>. Acesso em 01 mai. 2023.

PEREIRA, A. L.; SILVA, L.R; PALMA, L.M; MOURA, L.C.L; MOURA, M.A *et al.* Impacto da escolaridade na transmissão do HIV e da sífilis. **Revista Interdisciplinar Ciências Médicas**, v. 6, n. 1, p. 19-23, 2022. Disponível em: <http://revista.fcmmg.br/index.php/RICM/article/download/139/134>. Acesso em 01 mai. 2023.

PIAUENSE, J.N.F.; Epidemiologia da HIV/AIDS em Teresina-PI: análise retrospectiva. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 21, n. 3, p. 7-12, 2018. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20180204_154640.pdf. Acesso em: 30 de abr. 2023.

PIRES, C.A.A.; LOPES, N.S.; FAYAL, S.P.; LOPES, L.S.; MARTINS, B.V.O.; Aspectos clínicos e epidemiológicos de pacientes com coinfeção HIV/sífilis atendidos em um centro de referência/Clinical and epidemiological aspects of patients with HIV/syphilis co-infection treated at a reference center. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 3, n. 4, p. 7635-7653, 2020. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/12814> acesso em: 18 de nov. de 2020.

POMPEU, H.H.F.A.; MORAES, L.P.; SANTOS, C.C.G.; SHIBATA, H.Y.; ROCHA, J.E.C *et al.* Prevalence of the Human Immunodeficiency Virus and associated factors in pregnant women in the state of Pará. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 75, n. 6, p.1-9, 2022. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0171pt>. Acesso em 01 mai. 2023.

REIS R.K; MELO, E.S; GIR, E.; Factors associated with inconsistent condom use among people living with HIV/Aids. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 69, n. 1, p. 40-46, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167.2016690106i>. Acesso em 01 mai. 2023.

REMOR, K.V.T.; OGLIARI, L.S.; SAKAE, T.M.; GALATO, D.; Adesão aos antirretrovirais em pessoas com HIV na grande Florianópolis. **Arquivos Catarinenses de Medicina**, v. 46, n. 2, p. 53-64, 2017. Disponível em: <http://www.acm.org.br/acm/seer/index.php/arquivos/article/view/269>. Acesso 19 nov. 2020.

ROSSI, A.M.; ALBANESE, S.P.R.; VOGLER, I.H.; PIERI, F.M.; LENTINE, E.C., *et al.* HIV Care Continuum from diagnosis in a Counseling and Testing Center. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 73, n. 6, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0680>. Acesso em 01 mai. 2023.

SANTOS, G.C.; NICOLE, A.G.; MORAIS, A.S.; SANTOS, A.S.; Perfil epidemiológico de pessoas vivendo com HIV/AIDS em um município no interior do estado do Espírito Santo, Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde**, v. 21, n. 1, p. 86-94, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/rbps/article/download/26472/18212>. Acesso 16 nov. 2020.

SILVA, L.A.V.; DUARTE, F.M.; LIMA, M.; Modelo matemático pra uma coisa que não é matemática: narrativas de médicos/as infectologistas sobre carga viral indetectável e intransmissibilidade do HIV. **Physis**, v. 30, n. 1, p. 2-20, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312020300105>. Acesso em 01 mai. 2023.

SOUSA, L.R.M.; ELIAS, H.C.; CALIARI, J.S.; OLIVEIRA, A.C.; GIR, E et al. Uso inconsistente do preservativo masculino entre homens HIV negativos que fazem sexo com homens. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, n. e3892, p. 1-11, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1518-8345.6327.3892>. Acesso em 08 jun. 2023.

SOUZA, V.; CARDOSO, J.S.R.; NAHASS, J.D.P.; Sistema de informação dos centros de testagem e aconselhamento: dificuldades, divergencias e padronização no preenchimento. **REME**, p. 530-538, 2011. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-617444>. Acesso 20 nov. 2020.

SPINDOLA, T.; SANTANA, R.S.C.; ANTUNES, R.F.; MACHADO, Y.Y.; MORAES, P.C. A prevenção das infecções sexualmente transmissíveis nos roteiros sexuais de jovens: diferenças segundo o gênero. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 7, p. 2683-2692, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08282021>. Acesso em 01 mai. 2023.

TRINDADE, F.F.; FERNANDES, G.T.; NASCIMENTO, R.H.F.; JABBUR, I.F.G.; CARDOSO, A.S.; Perfil epidemiológico e análise de Tendência de HIV/AIDS/Epidemiological profile and trend analysis of HIV/AIDS/Perfil epidemiológico y análisis de tendencia del HIV/SIDA. **Journal Health NPEPS**, v. 4, n. 1, p. 153-165, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3394> Acesso em 18 de nov. 2020.

UNAIDS. United Nations Programme on HIV/AIDS. **Estatísticas mundiais sobre o HIV, 2021**. [Internet] 2022. Disponível em: https://unaids.org.br/wp-content/uploads/2021/06/2020_11_19_UNAIDS_FactSheet_PORT_Revisada-Final.pdf. Acesso em 29 de abr. 2023.

WHO- World Health organization . **HIV/AIDS** [Internet]. 2020. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/hiv-aids/#tab=tab_1. Acesso em 29 abr. 2023.